

STREET ARROW

#SETADERUA

+ Beginning at the end of the 1980s, the series SETADERUA features images of arrows used to signal road works in different cities. In 2013, as a development of Raul Mourão's research on urban landscapes, the photos were published on social media inspiring other people to record their own images of arrows. + The collaborative piece was materialised online with the hashtag #setaderua, which has generated an image archive in constant growth. The series' pictures were exhibited for the first time in the group show DOC.DOT.MOV at Sarah Crown Pop-up Gallery in New York, curated by Sarah Corona in October 2013.

+ Iniciada no final da década de 80, a série SETADERUA reúne imagens de setas de sinalização de obras em vias públicas de diferentes cidades. Desdobramento da pesquisa de Raul Mourão sobre a paisagem urbana, em 2013, as fotos ganharam circulação nas redes sociais e se tornaram mote para registros feitos por outras pessoas. + O trabalho colaborativo se materializou online na hashtag #setaderua gerando um arquivo de imagens em permanente crescimento. Fotos dessa série foram apresentadas pela primeira vez na coletiva DOC.DOT.MOV na Sarah Crown Pop-up Gallery, com curadoria de Sarah Corona, em Nova York, em outubro de 2013.



Frederico Coelho- Arrows

Arrows are universal shapes. Their use in road signs - with geometric and chromatic simplicity - has also become a symbol of a world under construction. When we see them, we know there is an urban intervention in progress. In a way, Raul Mourão's artwork using arrows generates a profound symbiosis with this broader and more universal sense of the subject.

By appropriating the icon, Mourão suggests a range of possible gazes. The first and foremost is the organic place that this series of works occupies along its trajectory. From the outset of his career, Mourão has been articulating urban forms in his own way. From a certain perspective, the arrows fit between the bars of fences and provide us with a snapshot of his work. Within them, the image and the icon oscillate in multiple ways, turning the banal into art. By multiplying them, the artist creates mosaics that re-design their set functions and senses within our imaginations. By venturing into the expansion, distortion and detailed exploration of the apparently banal shape of road arrows, Mourão renews the way we look at the city.

In a series of photos exhibited for a period of time on social media, the tag #ROADARROWS (#SETASDERUA) caught on among Mourão's friends and admirers who embraced it as a visual mission. The cities of Rio de Janeiro, New York and São Paulo, amongst many others in permanent state of urban transformation, became the setting for digital photographers, whilst Mourão accumulated a database that substantiated his artwork. On the streets, in their daily use, the arrows gained visual force through Mourão's decisive intervention. His simple gesture of dislocation expanded an almost tainted space within our habitual gaze.

To display the arrows in an exhibition is to ultimately show a piece of us. The urban object is part of our lives, a visual metaphor when we want to say we are under construction, closed to the violent and chaotic flow of the contemporary world. As well as endlessly suggesting a direction (a future?), the arrows surround us, protecting us more poetically than the urban paranoia of fences, as the disturbance announced ahead by road signs are also an indication of work, progress and ruin. With his arrows, Mourão continues to look critically at his and our surroundings, extracting visual perplexity from a situation of which we only complain. His variations on the same theme leave the road and enter the gallery, at the same time crossing and delineating new spaces - both actual and imaginary - in his oeuvre and in our time.

Setas

Setas são formas universais. Setas de rua, na sua simplicidade geométrica e cromática, também tornaram-se espécie de ícones do mundo em obras. Onde as vemos, sabemos que alguma intervenção urbana está em processo. De certa forma, o trabalho de Raul Mourão com suas setas cria uma profunda simbiose com esse sentido mais amplo e universal do tema.

Ao se apropriar do ícone em obras, Raul sugere uma gama de desdobramentos possíveis ao nosso olhar. O primeiro, e principal, é o lugar orgânico que essa série de trabalhos ocupa em sua trajetória. Desde o início de sua carreira, as formas urbanas são articuladas por Raul em uma sintaxe muito própria. De certa perspectiva, as setas se encaixam entre as grades e nos dão um retrato sintético de sua obra. Nelas, a imagem e o ícone oscilam em múltiplas formas de transformar o banal em arte. Ao multiplicá-las, cria mosaicos que redesenham suas funções e sentidos fixos em nosso imaginário. Por se arriscar em expandir, distorcer e explorar a fundo o desenho aparentemente banal das setas de rua, Raul consegue renovar nosso olhar pela cidade.

Em uma série de fotos que ficou exibindo durante tempos por redes sociais, as #SETASDERUA se tornaram uma espécie de missão visual de amigos e admiradores de Raul. A cidade do Rio de Janeiro, de Nova York, de São Paulo e tantas outras em permanente transformação urbana, viraram cenários de fotógrafos digitais acumulando para o artista um banco de dados que só confirmava sua obra. Mesmo na rua, em seu uso cotidiano, as setas ganharam potência visual através da intervenção decisiva de Raul. Seu simples gesto de deslocamento amplia um espaço quase viciado do nosso campo visual cotidiano.

Apresentar as setas em uma exposição, por fim, é apresentar um pedaço de nós mesmos. O objeto urbano é parte de nossas vidas, metáfora visual para quando queremos dizer que estamos em obras, fechados para o fluxo violento e caótico do mundo contemporâneo. Além de indicar infinitamente uma direção (um futuro?), as setas nos cercam em uma proteção mais poética do que aquela dada pela paranoia urbana das grades. Pois o transtorno que as setas de rua anunciam ao serem instaladas como tapumes nas ruas das cidades, é também o anúncio do trabalho, do progresso e da ruína. Com as setas, Raul continua exercendo seu olhar crítico sobre o seu e o nosso redor, arrancando perplexidade visual de onde só temos o que reclamar. Suas variações ao redor do mesmo tema saem da rua e entram na galeria, cruzando e, ao mesmo tempo, demarcando novos espaços reais e imaginários em seu trabalho e em nosso tempo.





#setaderua/doc.dot.mov03
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov04
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm

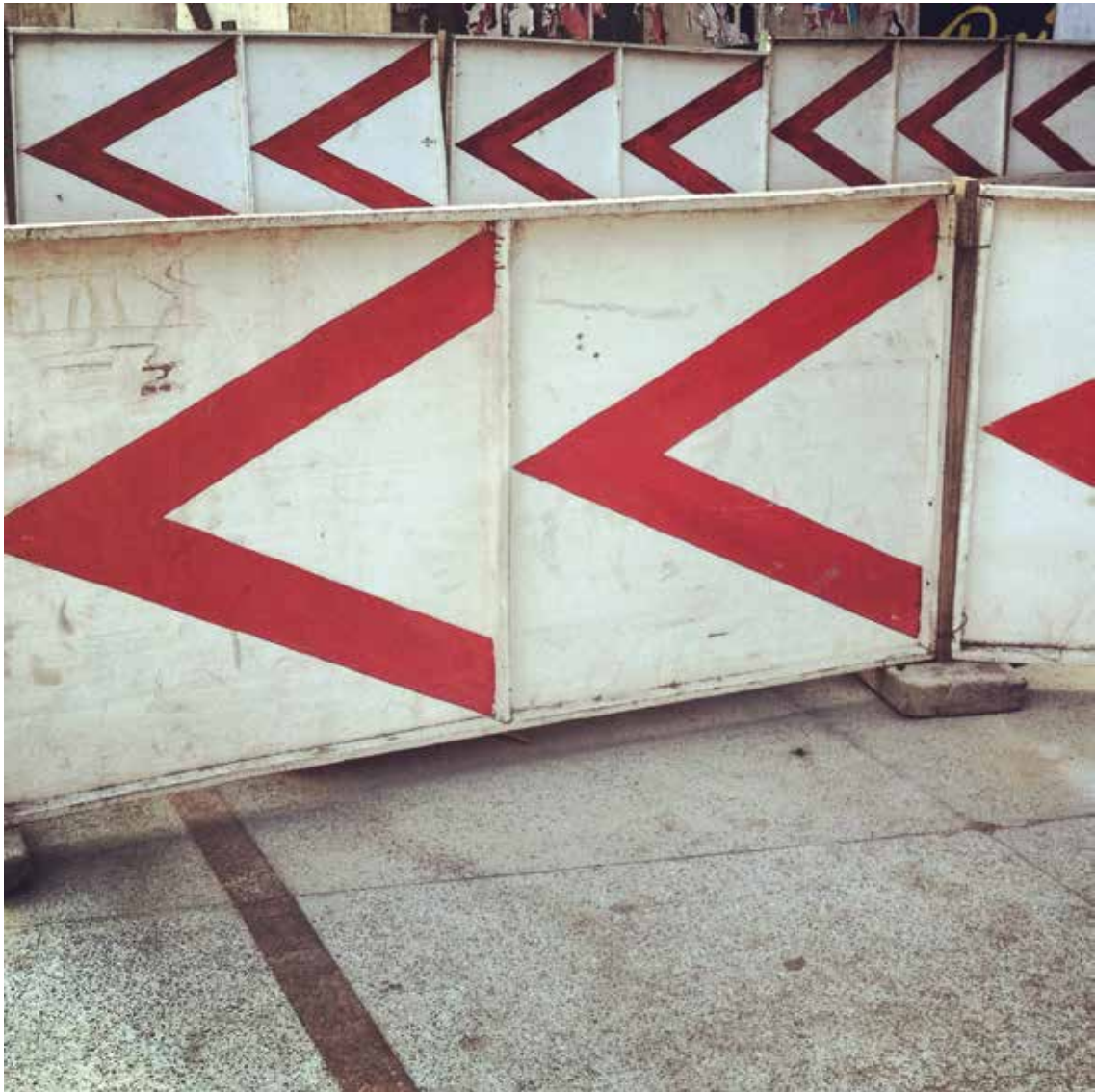
#setaderua/doc.dot.mov05
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov06
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov07
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm





#setaderua/doc.dot.mov09
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



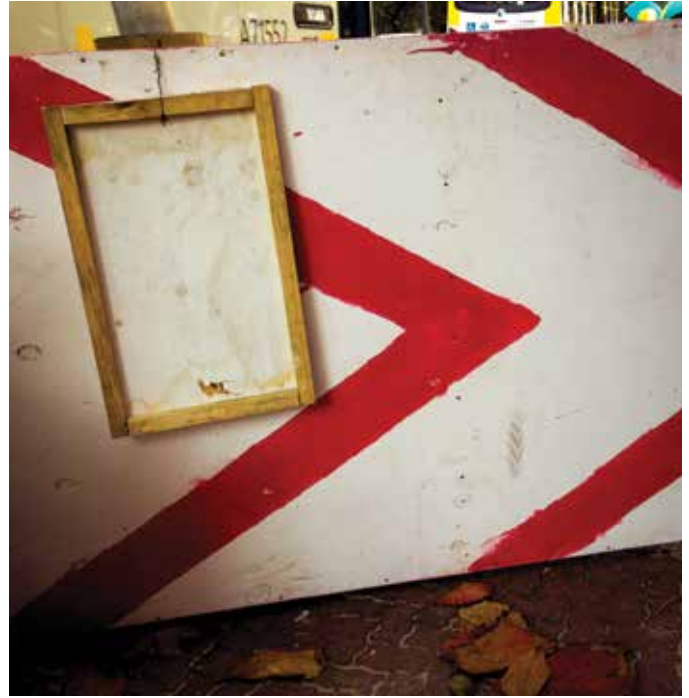
#setaderua/doc.dot.mov10
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov11
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov12
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov13
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov14
 2013
 mineral pigment on cotton paper
 (Hahnemühle Photo Rag 308)
 pigmento mineral sobre papel de algodão
 (Hahnemühle Photo Rag 308)
 34 x 34 cm

#setaderua/doc.dot.mov15
 2013
 mineral pigment on cotton paper
 (Hahnemühle Photo Rag 308)
 pigmento mineral sobre papel de algodão
 (Hahnemühle Photo Rag 308)
 34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov15
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm



#setaderua/doc.dot.mov17
2013
mineral pigment on cotton paper
(Hahnemühle Photo Rag 308)
pigmento mineral sobre papel de algodão
(Hahnemühle Photo Rag 308)
34 x 34 cm

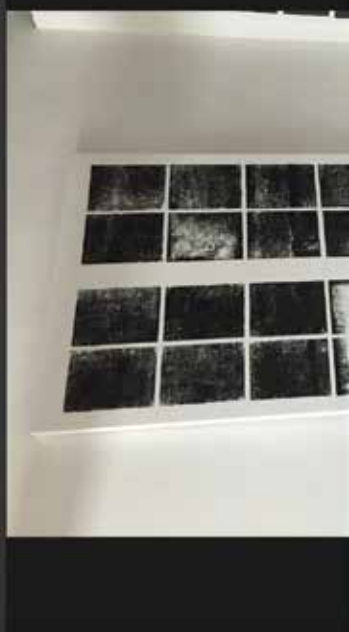
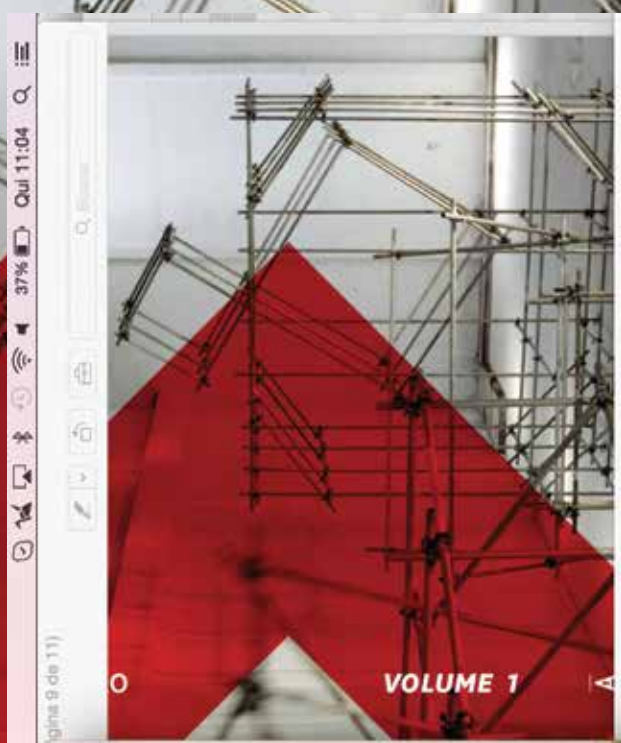
IMG_8701.jpg (2 documentos, 2 páginas no total)

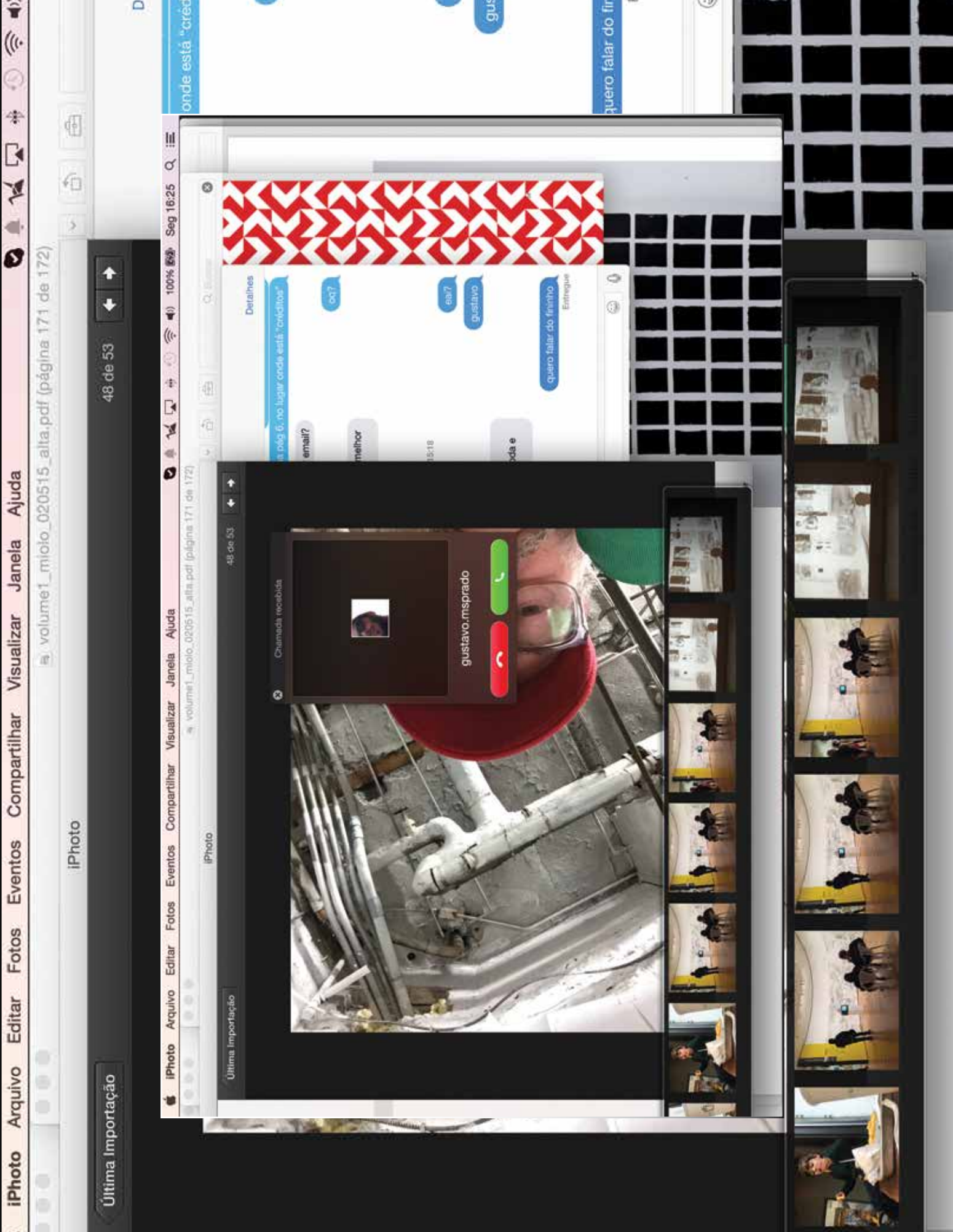
Página 9 de 11

Pre-Visualização Arquivo Editar Visualizar Ir Ferramentas Janela Ajuda

Q Buscar

Q Buscar





**THEY
KILLED
THE
ARTIST
IN HIS
OWN
WORK**





Bruno Cesar / AFP

**THEY
KILLED
SELARÓN
BY
SUICIDE**

Raul Mourão

It was an announced death. On the 11th of January 2013 at around 7:20am, the body of Chilean artist Jorge Selarón was found at Manoel Carneiro Street, also known as the Convent of Santa Teresa Stairway or the Selarón Steps. Hours before, that same day's edition of Brazilian newspaper O Globo arrived at newsstands containing an article in which the artist stated his life was under threat.

Selarón's body was found badly burnt, mostly on the face and shoulders. Next to his body the Police found a tin of paint thinner and a lighter. Neighbours reported they heard a man shouting for help before noticing a strong burning smell.

On the day after his death, a strange theory of suicide started to circulate in newspapers, websites and TV channels and the Police investigation went down the same route despite the disagreement of local residents and the artist's friends.

Selarón was my neighbour. My studio has been on Joaquim Silva Street for more than 10 years. During this time we met many times, drank dozens of beers, and I heard many stories and took hundreds of pictures. Most pictures depict tourists taking photos of the stairway, but I also made some portraits of Selarón, including one of him painting the World Cup 2014 mural at the bottom of the steps.

Selarón himself tiled the staircase where he lived and worked, without any fiscal incentives such as the Rouanet Law, without professional fundraisers, without producers, and without public or private sponsorship. He built an artwork along those 215 steps and 125 metres without any official support, but was helped by his audience, who over the years sent him tiles from their own towns and cities. It was a collaborative and interactive work, in constant development. Selarón created a gigantic public artwork, an urban landmark and a tourist attraction. A new attraction in a city already packed with tourist attractions. His intention was clear: by tiling his street he wanted his gesture to resonate throughout the region and create new urban improvements but unfortunately this never happened.

Along with many local residents, I don't believe in the possibility of suicide.

Artista famoso por escadaria na Lapa, Selarón é ameaçado

Ex-colaborador do atelier do pintor seria o autor de intimidações

ROGÉRIO DAFON
dafon@oglobo.com.br
SÉRGIO RAMALHO
sergio.ramalho@oglobo.com.br

Os 215 degraus da Escadaria do Convento de Santa Teresa, que liga o bairro à Lapa, tornaram-se palco de momentos de grande tensão para o pintor e ceramista chileno Jorge Selarón. Aos 65 anos, o artista — autor do mosaico de cores que transformou o caminho num intenso ponto de visitação turística — hoje tem medo de circular por sua maior obra. Selarón está sob ameaça de um ex-colaborador de seu atelier, Paulo Sérgio Rabello, cujo irmão e sobrinho estão presos por envolvimento com o tráfico de drogas na região, ameaçou esfaquear o artista em duas ocasiões para obrigá-lo a ceder os rendimentos obtidos com a venda de quadros.

— Eu ajudei muito esse rapaz. Mas ele cresceu o olho, queria tudo, queria os quadros, os locos. E olha que eu o tinha mandado para Londres, Paris, Barcelona. Como não concordei com isso, as ameaças começaram em novembro do ano passado e não pararam mais. Ele não se conformou — disse Selarón.

Tudo começou quando, em novembro, Selarón viajou de férias para Paraty e deixou Paulo pela primeira vez à frente dos negócios. O artista o conhecia há cinco anos, quando passou a lhe encomendar trabalhos impressos de suas pinturas. Na ausência de Selarón, Paulo começou a se desentender com outros colaboradores do pintor, entre eles seu secretário, o argentino Cesar Gomez. Segundo Gomez, logo que Selarón retornou, Paulo pediu que o artista demitisse o próprio Gomez e mais outros dois.

— Selarón disse que não faria aquilo de jeito algum e resolveu romper com Paulo. Ele disse então que, se ele não ganharia mais dinheiro, Selarón também não ganharia mais nada. — afirmou Cesar.

A situação se agravou mesmo na manhã de 23 de novembro de 2012, quando Selarón, como de hábito, pintava quadros na calçada de seu atelier na es-



Medo. Jorge Selarón, em seu atelier: artista teve cavalete e material de pintura danificados

cadaria. Paulo, contou ele, derrubou seus quadros, danificando cavalete e material de pintura. Assustado, o artista foi à 7ª DP (Santa Teresa) registrar as ameaças, que mesmo assim não cessaram. Além de ameaçar Selarón, Paulo passou a ameaçar Cesar e acabou o agredindo no último dia 28. O delegado Eduardo Joaquim Baptista Filho informou, por meio da assessoria de imprensa da Polícia Civil, que o caso foi encaminhado ao Juizado Especial Criminal.

TRÁFICO INTENSO PERTO DO ATELIER

Paulo Sérgio é irmão de Wilton Quintanilha Rabello, o Abelha, que cumpre pena por tráfico de drogas e roubo à banca numa penitenciária federal de segurança máxima. Ex-chefe do tráfico no Morro Santo Amaro, no Caspê, Abelha também era apontado pela polícia como um dos responsáveis pelo con-

trole da venda de drogas na Lapa, que passou a ser articulada por seu filho. Pablo Carlos Rabello foi preso em dezembro de 2011 numa operação da Delegacia Especial de Apoio ao Turismo (DEAT).

Na escadaria, por sinal, o tráfico de drogas tem sido intenso, de acordo com depoimentos de pessoas que frequentam a região. Há cenas como traficantes oferecendo maconha e cocaína em voz alta ressaltando os preços. Usuários, segundo relatos, chegam a consumir nos próprios degraus.

Selarón iniciou sua obra na década de 90, quando decidiu se radicar na Lapa e instalar azulejos na escadaria. O efeito visual passou a atrair turistas do mundo todo, e o artista vende seus quadros ali mesmo. Não à toa, muita gente a conhece como Escadaria Selarón. O lugar foi tombado pela prefeitura em 2005. ■

Mais problemas no BRT

Grota Funda é fechado, sem prazo

O Túnel da Grota Funda, que liga o BRT da Guaratuba e Guaratuba e Integra e BRT Transoeste, foi fechado no sábado às 7h de manhã, no sentido Guaratuba, sem prazo para reabrir. A prefeitura alega problemas no sistema elétrico. Situação da empresa Saneiro incluída nos bastidores do caso, o que a Secretaria Municipal de Conservação nega. **MARIA B**

Fica de olho... de novo

Inflação fica em 5,84% em 2012

Com a alta de 8,79% em dezembro, a IPCA fechou em 5,84% em 2012. Não houve um segundo, ficou acima do centro da meta do governo. Alimentos e serviços subiram quase 10% no ano passado. **MARIA B e Wilson Ladeira**

Recicla contra o aquecimento

Usinas térmicas a todo o vapor

El comitê do governo que monitora o setor elétrico admite que as usinas térmicas podem ficar ligadas durante todo o ano. O objetivo é manter reservatórios em nível seguro e evitar o racionamento. Ambientalistas criticam a medida. **MARIA B**

Leições de permissão

Dilma autoriza novos leilões

Suspensa desde 2008 devido às denúncias de grêmios, a nova rodada de licitações de petróleo está em marcha. A presidente Dilma autorizou o leilão de 172 campos do pré-sal no Rio Grande do Norte e no Espírito Santo. **MARIA B**

Manejações na prefeitura

Prefeitos eleitos herdam o caos

Dívidas milionárias, corte de funcionários, energia e telefones cortados e hospitais fechados por falta de insumos. Em todo o país, prefeitos encontram-se com agendas cheias de dívidas por seus antecessores. **MARIA B**



MARIA B. Proibido marchar em Curitiba em apoio ao presidente saído

Apoio do Brasil a chavistas é criticado

Uma multidão chavista vestida de vermelho e liderada pelo vice-presidente Nicolás Maduro ocupou o Centro de Caracas para exigir a renúncia de Hugo Chávez. Mas não há um plano claro de como o governo brasileiro deve lidar com a situação. **MARIA B e W**

re afirmou que se iniciou "um novo período de governo, respaldado pela Constituição". Escritas brasileiras e opositores venezuelanos criticaram a posição do governo brasileiro, que apóia a mudança venezuelana para lidar a crise. **MARIA B e W**

FALHA NO ATENDIMENTO

Suspensa venda de 225 planos de saúde

ANS proíbe 28 operadoras de aceitar novos clientes. Maioria é reincidente

Empresas do setor contestam avaliação do governo que levou à punição e estudam recorrer à Justiça

Por desrespeitar prazos para matricular convênios, exames e cirurgias, a Agência Nacional de Saúde (ANS) suspendeu durante três meses, a partir de segunda-feira, 225 planos de saúde, de 28 operadoras — sendo 19 reinsolventes. Essas convênios, que têm 1,9 milhão de pessoas e repre-

sentam 4% dos usuários do país, não poderão aceitar novos clientes. Entre as empresas que violaram o dispositivo os prazos, 10 podem sofrer intervenção do governo se, em 15 dias, não apresentarem plano de recuperação. Operadoras contestam a avaliação e estudam ir à Justiça. **MARIA B**

UMA MORTE ANUNCIADA



Denúncia. O corpo de Sábato foi encontrado às 23h depois que ele deveria estar vivo há 2 mil quilômetros de distância. Anos 1994

Artista é achado morto após ameaças

Ex-colaborador de Selarín fora denunciado por ele e retirado de testamento

Quase 30 dias após registrar na polícia que estava sofrendo ameaças de um ex-colaborador, o ex ministro da Saúde (O GLOBO) publicou a sua denúncia, o artista plástico Jorge Selarín, de 62 anos, foi encontrado morto, queimado, na sociedade que mora com sua mãe e companheira ofensa e brava sua morte, na Lagoa. A Delegacia de Homicídios iniciou o re-exame do Paulo Sérgio Babiloni, que em seu testamento anunciou como herdeiro ao testamento do artista. **MARIA B e W**

CIÊNCIA
TESTE ANTICÂNCER

SEGUNDO CADERNO
OSCAR:
LINCOLN SA

A NOVA
CASA

Carta com Libelo (2)

CHUVA



**MY
DEATH
WILL
HAPPEN
IN THE
NEXT
FEW
DAYS**

Karla Monteiro, 2014 - Rio de Janeiro,

The Police closed the case: suicide. A victim of depression, Jorge Selarón, born in Chile and living in Rio de Janeiro since 1983, allegedly set fire to himself and burned to death on the stairway that made him famous - internationally famous, you could say. However, the theory of suicide is like a sieve through which many doubts are emerging. 'Would a person who spills paint thinner on his head and sets himself on fire have the time to place the tin and lighter neatly on the ground?' questions Gemerson Dias, photographer and friend. Perhaps yes perhaps no. Nobody is answering these and other questions: why would Selarón contact the papers revealing the death threats he had been suffering and asking for help? Why did he report his (im) possible executioner to the Police? The Police – I repeat – closed the case.

It happened on the 10th of January 2013. It was dawn on the Convent of Santa Teresa Stairway - the Selarón Steps - that joins Joaquim Silva Street, in Lapa, to the Santa Teresa hillside. The heat – yellow, damp and discouraging - was already suffocating. Like every single day – come rain or shine – Selarón woke up and made his way to the bakery. In the documentary *A grande loucura* (The Great Madness) by José Roberto Mesquita, filmed in 2003, the artist said: 'I'm very hungry in the morning, I wake up and head to Padaria da Lapa, the best coffee in Rio de Janeiro'. After having milky coffee and warm bread and butter, he bought the newspaper *O Globo* and read the article whose title was: 'Selarón - artist famous for his stairway in Lapa - is under threat: former partner in his studio is allegedly responsible for the intimidation'. From there, he went back to his home, his steps and... killed himself. Why would someone care about being hungry if he was about to burn everything down? What happened between morning coffee and setting himself on fire?

Between the 'whats' and the 'whys', Selarón lived for 65 years. He was born in the small city of Limache, Chile, in 1947. He was raised in a large family: 'a normal middle class family', he tells us in the documentary. At 10 years old he visited Buenos Aires with his mother and became obsessed with the idea of travelling the world. At 27, he left Chile penniless to hit the road. 'As I didn't have any money I got a lift on a ship and went to Europe. I got as far as India. When I arrived in Brazil I had been to 57 countries. I was tired of travelling and I was almost 40. I couldn't go to another city. In Rio, I found the pregnant black woman', he says. Why in every single painting he produced – according to him more than 25 thousand - we always see the image of a pregnant black woman?

In Lapa, Selarón found his home, his place, dream and madness. In order to survive, he came up with a guerrilla strategy. He produced several paintings and donated them to the nearby restaurants, exchanging them for food. Every day he had dinner in a different place - 30 paintings for 30 days of the month. 'He gave me that painting', explains Ximenes, the owner of a restaurant on Joaquim Silva Street, pointing at a huge canvas with the Lapa arches, tram and a pregnant mixed-raced woman, happy and tropical. 'Selarón was a good guy, a bit moody. Sometimes he was up for chatting, other times not at all. He always sat at the same table and made drawings. He was very depressed in recent months. He was in fear, and felt threatened, like a scared puppy', recalls Ximenes.

When in 1990 Selarón moved to a small house on the Convent of Santa Teresa Stairway, seven years after arriving in Lapa, the place was abandoned, dirty and inaccessible. People that took those steps were usually up to no good. 'The first thing I did was to buy a broom. Since then I've swept the steps every day', he said. He recalled a street in San Francisco, Lombard Street, which is landscaped with zigzagged gardens, and started to build – according to the American National Geographic – the biggest outdoor sculpture made by a single man. His first step

was to buy old bathtubs, plant flowers and place them along the steps. He then started using tiles and transformed the 215 steps into a colourful mosaic, a mutant mural at the mercy of time. 'I thought I could make this place a bit more beautiful. I never thought it was going to be famous. I thought instead I was going to be famous because of my paintings'.

The work overshadowed the artist. In 2005 the Mayor's Office listed the steps turning them into a touristic attraction and Selarón was granted the title of Honorary Citizen. In order to make some money he started selling cards and small paintings to the hordes of visitors, including American rapper Snoop Doggy Dog who recorded a video clip on the steps. He didn't make a fortune but earned enough money. According to his friend Gemerson: 'there was a lot money there. Selarón could have lived well, rented a flat. He didn't have a radio, TV or phone. He didn't like any of that. He also didn't have a bank account, and kept his money inside a cardboard box'. Once he started making money he hired helpers. For him, his work was not finished. It would never be finished whilst he was alive: 'I constantly change the tiles. The steps are always in movement; they are always alive. The stairway is like a woman, it is never content'.

According to those who knew the artist and saw him languish in fear, money was his misfortune. His executioner, the man Selarón denounced for the death threats, was a former helper named Paulo Sérgio Rebelle, also a resident of a house by the stairway. They had been working together for six years. Rebelle used to make prints on the tiles sold by the artist in his small studio. Gemerson explains that the tension was triggered because Rebelle became too greedy and wanted to keep the largest percentage of the sales. On the 24th of November, Selarón reported him to the Police and also contacted the newspapers. 'He phoned us but nobody listened. The article was only published weeks later, on the day of his death – an irony of fate. I can only say Selarón was desperate for help', commented a journalist from O Globo who wants to remain anonymous.

Wandering around the streets of Lapa, here and there, very few people are willing to comment on such a strange death. Why? What is behind the lingering fear? Why do people only talk about Selarón in whispers? Not everybody liked him. He had a reputation for being bad tempered, a bully, a weirdo. Moody, as Ximenes would say. He didn't have many friends. He was almost always wearing red clothes. He liked to drink one too many beers. His language, adorned by superlatives, let his megalomania transpire. He was 'the biggest', 'the best', his work 'the most fantastic'. Selarón was a high-flown eccentric type. However, when the threats started he faded, withered, and dropped his head. Everybody who knows him agrees his depression was visible.

There are endless and disconnected versions of what happened on that stifling morning: 1) he was gay and it was a crime of passion, 2) the murderer stole 40 thousand Brazilian Reais from his studio, 3) Selarón was murdered by local drug traffickers. His enemy's brother is Wilton Quintanilha Rebello, aka 'Abelha', convicted for drug trafficking and bank robbery. His family controls the traffic on the steps, 4) Selarón killed himself because he couldn't handle the pressure, the threats, which led to his death. The Police settled on suicide and closed the case.

Selarón left a handwritten letter to his friend Gemerson on the 25th of November. According to the artist he was murdered: 'in the next few days I will die. It will be crime, a cowardly and cruel murder. The authorities, my friends and neighbours must fight for justice. Everybody is going to die one day but being threatened with death is horrendous; I have no words to describe it. I'm not afraid of dying. I lived a full life for 65 years. I made friends and admirers and became famous. An artist murdered by his heir becomes even more famous. I like fame, which is something normal and undeniable to any living artist'.











SUICIDARAM SELARÓN

Raul Mourão

Foi uma morte anunciada. Na manhã do dia 11 de janeiro de 2013, o corpo do artista chileno Jorge Selarón foi encontrado por volta das 7h20 da manhã na rua Manoel Carneiro, também conhecida como Escadaria do Convento de Santa Teresa ou Escadaria Selarón. Horas antes, a edição do jornal O Globo chegava às bancas com uma matéria em que o artista afirmava estar sendo ameaçado de morte.

O corpo de Selarón foi encontrado carbonizado principalmente no rosto e ombros. Ao lado do corpo, a polícia encontrou uma lata de solvente inflamável e um isqueiro. Vizinhos contaram ter ouvido gritos de um homem pedindo socorro antes de sentir um forte cheiro de queimado.

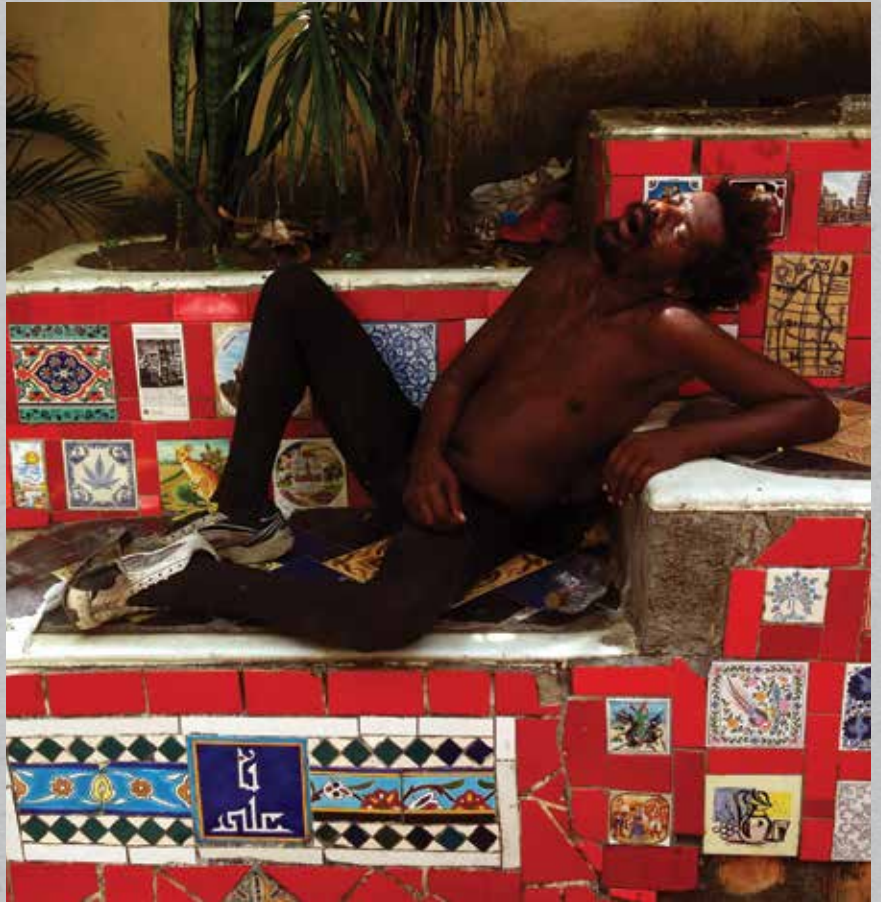
No dia seguinte à morte, uma estranha tese de suicídio começou a circular nos jornais, sites e televisão. A investigação policial tomou esse rumo, apesar de moradores e amigos discordarem da hipótese.

Selarón era meu vizinho, meu ateliê funciona na Rua Joaquim Silva há mais de 10 anos. Nesse período de convivência, tivemos inúmeros encontros, tomamos dezenas de cervejas, escutei muitas histórias e fiz centenas de fotos. A maior parte das fotos são de turistas fotografando a escada, mas fiz alguns retratos de Selarón - inclusive dele pintando o painel da Copa do Mundo de 2014 ao pé da escadaria.

Selarón azulejou com suas próprias mãos a escada onde morava e trabalhava, sem Lei Rouanet, sem captadores de recursos profissionais, sem produtores, sem patrocínio público ou privado. Construiu uma obra ao longo de 215 degraus e 125 metros sem apoio oficial, mas teve a colaboração de sua audiência: ao longo dos anos, centenas de pessoas enviaram azulejos de suas cidades. Uma obra colaborativa, interativa e em permanente processo. Selarón criou de uma tacada só uma gigantesca obra de arte pública, um marco urbanístico e um ponto turístico. Um novo ponto turístico numa cidade repleta de pontos turísticos. Sua intenção era clara: ao azulejar sua rua desejava que esse gesto reverberasse pela região na forma de outras melhorias. Infelizmente, isso nunca aconteceu.

Assim como muitos moradores da região, eu também não acredito na hipótese do suicídio.







NOS PRÓXIMOS DIAS ACONTECERÁ A MINHA MORTE

Karla Monteiro

A polícia deu o caso por encerrado: suicídio. Vítima de uma crise depressiva, o artista Jorge Selarón, chileno de nascimento, radicado no Rio de Janeiro desde 1983, teria tocado fogo no próprio corpo e virado cinzas na escadaria que o tornou um homem famoso. Mundialmente famoso, diga-se. A tese da imolação, porém, é uma peneira, por onde escorrem dúvidas. “Uma pessoa que derrama solvente na cabeça e acende o fogo tem tempo de pousar a lata e o isqueiro do lado, arrumadinhos?”, indaga Gemerson Dias, fotógrafo e amigo. Talvez, sim. Talvez, não. Ninguém responde esta – e outras perguntas: por que Selarón foi aos jornais pedir socorro, denunciando as ameaças de morte que vinha sofrendo? Por que ele registrou queixa contra o (im)possível algoz? A polícia – vale repetir – deu o caso por encerrado.

Foi no dia 10 de janeiro de 2012 que tudo aconteceu. Aconteceu na escadaria do convento de Santa Teresa, a escadaria Selarón, que liga a rua Joaquim Silva, no bairro da Lapa, à ladeira de Santa Teresa. Já fazia um calor de amolecer os miolos. Amarelo, molhado, desanimador. Uma manhã de verão carioca. Como repetia todo santo dia – dia de sol ou dia de chuva, Selarón acordou e correu para a padaria. No documentário “A grande loucura”, de José Roberto Mesquita, filmado em 2003, o próprio diz: “Tenho muita fome de manhã. Eu me levanto e vou para a padaria da Lapa, o melhor café de todo o Rio de Janeiro”. Após fartar-se com uma média e um pão na chapa, comprou o jornal O Globo. E leu a reportagem, cujo título era: “Artista famoso por escadaria na Lapa, Selarón é ameaçado - Ex-colaborador do atelier do pintor seria o autor de intimidações”. Daí, retornou ao seu lugar no mundo, à sua escadaria e... se suicidou. Por que alguém se preocupa com o estômago se logo mais vai tascar fogo em tudo? O que se sucedeu entre o cafezinho e o ato de se incendiar?

Entre quês e porquês, Selarón viveu 65 anos. Nasceu na pequena cidade de Limache, em 1947. Foi criado numa família numerosa. “Uma família normal, classe média”, ele conta no documentário. Aos 10 anos, visitou Buenos Aires com a mãe e acabou

tomado por uma obsessão: conhecer o mundo. Aos 27 anos, partiu. Sem eira nem beira. “Como eu não tinha dinheiro, peguei carona num barco e fui para a Europa. Cheguei até a Índia. Quando vim para o Brasil já conhecia 57 países. Estava cansado de viajar, tinha quase 40 anos. Eu não podia ir para outra cidade. No Rio estavam as crioulas grávidas”, relata, no mesmo documentário. Por que em todos os quadros que pintou – segundo ele, foram mais de 25 mil – sempre aparecia a imagem de uma negra grávida?

Na Lapa, Selarón encontrou a sua casa, o seu lugar, o sonho, a loucura. Para sobreviver, inventou uma estratégia de guerrilha. Pintou uma série de telas e presenteou os donos de restaurantes das redondezas. Com isso, conquistou a prerrogativa de comer de graça. Não precisava de muito mais do que comida para existir. Cada dia da semana, jantava num lugar diferente. Foram 30 quadros, para os 30 dias do mês. “Ele me deu aquele quadro ali”, diz o seu Ximenes, dono de um restaurante na Joaquim Silva, apontando para uma enorme tela, com os arcos, o bondinho e uma mulata barriguda, feliz, tropical. Seu Ximenes continua: “Selarón era um cara boa praça, bastante de lua. Tinha hora que estava para conversa, hora que não. Sempre se sentava na mesma mesa e ficava desenhando. Andou muito deprimido nos últimos meses. Estava com medo, se sentindo ameaçado. Sabe bicho acuado?”, questiona o Seu Ximenes.

Quando Selarón se mudou para uma pequenina casa, em 1990, na escadaria do Convento de Santa Teresa, sete anos após aterrissar na Lapa, o lugar estava abandonado, sujo, intransitável. Gente de bem não passava por ali. “Primeira coisa que eu fiz foi comprar uma vassoura. Desde então, eu varro a escada todos os dias”, diz no depoimento. Ele, então, se lembrou de uma rua de São Francisco, por onde passou nas suas andanças, a Lombard Street, decorada por jardins em ziguezague. Começou aí a construir a sua obra, apontada pela National Geographic americana como a maior escultura ao ar livre já feita por um único homem. O primeiro passo foi comprar banheiras antigas, plantar nelas flores, e instala-las ao longo da escadaria. Depois, descobriu os azulejos e transformou os 215 degraus num mosaico colorido, um painel mutante, ao sabor do tempo. “Pensei que aqui podia ficar

um pouco bonito. Nunca pensei que a escada ia ficar famosa. Pensei que eu ia ficar famoso, mas com os quadros.”

A obra se sobrepôs ao artista. Em 2005, a escada foi tombada pela prefeitura, entrou para o roteiro turístico, e Selarón ganhou o título de cidadão honorário. Para faturar algum, ele passou a vender para a horda de visitantes, entre eles muitos famosos, como o rapper americano Snoop Doggy Dogg, que lá gravou um clipe, cartões e pequenos quadros. Não fez fortuna, mas faturava alto, segundo o amigo Gemerson: “Ali rolava muito dinheiro. Selarón poderia viver bem, alugar um apartamento. Não tinha rádio, TV e nem telefone. Não gostava de nada disso. Também não tinha conta bancária. O dinheiro era dentro de uma caixa de papelão”. Com a grana entrando, contratou ajudantes. Para ele, sua obra não estava acabada. Nunca estaria, enquanto vivesse: “Constantemente eu troco os azulejos. A escada está sempre em movimento, está sempre com vida. A escada é como uma mulher. Nunca está contente”.

O dinheiro foi a sua desgraça, de acordo com quem o conheceu e o viu definhar de medo. O algoz, o homem que Selarón denunciou por ameaças de morte, era um ex-assistente, Paulo Sérgio Rebello, também morador da escadaria. Trabalhavam juntos há seis anos. Rebello fazia impressões gráficas em azulejos comercializados pelo artista em seu pequeno ateliê. A briga teria começado porque o assistente “cresceu o olho”, como diz Gemerson. Queria abocanhar a maior porcentagem das vendas. No dia 24 de novembro, Selarón registrou queixa na polícia. E também disparou telefonemas para as redações dos jornais. “Ele ligou para nós. Mas ninguém deu bola. Só foram soltar a reportagem semanas depois. Por ironia do destino no dia da sua morte. Só posso dizer que o Selarón estava desesperado por ajuda”, comenta um jornalista do O Globo, que preferiu não se identificar.

Vagando pelas ruas da Lapa, perguntando aqui, perguntando acolá, poucos são os que se dispõem a comentar tão estranha morte. Por quê? O que está por trás do medo que ronda? Por que só se fala de Selarón ao pé do ouvido? Ele não era uma unanimidade. Fato. Tinha fama de esquentado, brigão, esquisito. De lua, como disse o Seu Ximenes. Era de poucos amigos. Vestia-se quase

sempre com a cor vermelha. Gostava de tomar umas cervejinhas a mais. E exibia na fala adornada por superlativos a megalomania. Segundo apregoava, era o maior, o melhor; sua obra, a mais fantástica. Selarón era um sujeito eloquente, excêntrico. Desde que começou a ser ameaçado, porém, murchou. Definhou. Abaixou a cabeça. Com a visível depressão, todos concordam.

Selarón deixou uma carta de próprio punho, entregue ao amigo Gemerson no dia 25 de novembro. De acordo com a sua própria versão, foi assassinado: “Neste próximo dias acontecerá a minha morte. Um crime, um assassinato covarde e cruel. As autoridades, meus amigos e vizinhos deverão fazer justiça. Todo mundo um dia vai, mas ser covardemente ameaçado é terrível, não tenho palavras para falar. Não tenho medo de morrer. Vivi 65 anos bem vividos. Conquistei amigos, admiradores e fama. Um artista assassinado por seu herdeiro fica mais famoso. Eu gosto da fama, como é normal e lógico a todos os artistas da Terra”.





They killed the artist in his own work, 2014.

All photos are by Raul Mourão, except for Selarón's body, which is by Bruno Cesar/AFP. *Todas as fotos são de autoria de Raul Mourão exceto a foto do corpo de Selarón que é de autoria do fotógrafo Bruno Cesar/AFP.*

Visit Selarón's stairway! Rua Joaquim Silva,
bairro da Lapa, Rio de Janeiro, Brasil.
*Visite a Escadaria Selarón! Rua Joaquim Silva,
bairro da Lapa, Rio de Janeiro, Brasil.*

